

Winnicott, seu Freud e a psicanálise

Tales A. M. Ab'Sáber

Como Winnicott entendia sua relação com Freud e com sua obra? Um texto contra as concepções que cindem Winnicott do campo freudiano, e a favor de uma noção epistemológica mais precisa da relação entre criação e tradição em psicanálise.

“Posso lhe oferecer algumas explicações sobre esse método que Freud elaborou de modo tão inteligente para a cura de distúrbios mentais? Vou expor tudo isso de modo extremamente simples. Se houver algo que não for absolutamente simples para a compreensão de qualquer um, quero que me conte, porque agora estou praticando para um dia ser capaz de ajudar a apresentar o tema a ingleses, de modo que a pessoa em questão possa entender.”

Winnicott, carta à sua irmã Violet, 1919

Em um momento bastante avançado de minha análise, vivi uma estranha experiência transferencial. Minha analista, pelo que pudemos conversar depois, também a viveu, do ponto de vista de sua poltrona.

Já há algum tempo, minha analista acompanhava o meu declarado fascínio pela obra de Donald Winnicott, e recebia as descobertas cotidianas, para ela também surpreendentes, do que virou um aspecto importante de minha formação em andamento. Durante um ou dois

anos, de tempos em tempos, eu levava ao divã o enorme impacto sobre mim daquela descoberta. Recordo-me de que certa vez, para convencê-la do ponto cultural muito distante em que a psicanálise se encontrava hoje em relação às suas origens, construí uma brincadeira sedutora, com o que havia descoberto nos últimos dias a respeito de Winnicott e Freud.

Tales A.M. Ab'Sáber é psicanalista, mestre em Artes pela ECA-USP, e doutorando em Psicologia Clínica no IPUSP. É também aluno do segundo ano do Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Eu: “Você sabe, as referências culturais de Freud iam de Sófocles a Schiller, Goethe a Shakespeare, era nesta tradição clássica ocidental que ele se incluía, e em relação e com quem falava... é sabido que Freud nunca compreendeu a arte moderna... Você sabe qual era uma importante referência cultural do Winnicott ?...”

Ela: “Não...”

Eu: “Os Beatles !.. (ela e eu rimos) Creio que também por isso ele nos é mais próximo...”

Ela: “Viva os netos!”

Esta pequena anedota revela como comentávamos, como eu apresentava Winnicott para ela, como me fazia de “filho interessante e digno de amor” na transferência, como construíamos juntos o nosso Winnicott, com um duplo investimento de analista e analisando em um mesmo objeto, e, enfim como esta análise estava avançada. De toda forma, o que me parece essencial na passagem é o fato da dupla analítica estar criando algo junto; são momentos que também ocorrem no processo analítico, e que me parecem de vital importância na recuperação e afirmação do *self* para um sujeito.

Todavia, mais ou menos nesta época, envolvendo também o mesmo objeto criado pela dupla analítica, tive uma vivência transferencial que poderíamos dizer “mais aguda”. Por este tempo eu pensava em procurar supervisão. Ela me sugerira alguns nomes, eu pensava em outros, alguns comuns. Um dia pensei, com firmeza, em um certo analista.

Quando do divã enunciei o nome do possível escolhido, senti, vindo do outro lado, um profundo e frio silêncio, silêncio eloquente em seu incômodo. Após alguns segundos deste reconhecimento de algo da alma de minha analista, arisquei, com muito cuidado: - “Parece que você não gosta dele, né...” Ela, de seu canto e diante da evidência de seu mutismo, completou, anuada, meio contradita: - “Não, não gosto...”

Então conversamos sobre o problema, eu coloquei o porquê do meu interesse em aprender com aquela pessoa, ela contou-me algumas coisas importantes de sua vida, que faziam que para ela fosse realmente impossível respeitar aquela pessoa. As coisas envolviam seu filho criança e seu marido, palavras que em quase onze anos de análise eu nunca ouvira antes pronunciadas por ela, “meu filho, meu marido...”.

um choque pelo corpo inteiro, ao mesmo tempo senti como se minha alma virasse borracha (Beatles) e em seguida meu corpo virasse geléia. As sensações foram tão fortes que não tive como falar sobre elas naquele momento, me concentrando apenas na matéria mais racional do problema: eu tinha uma visão minha do tal possível supervisor, e ela tinha a dela, que para mim passava claramente por sua neurose.

Pode-se chamar de “análise avançada” aquela em que analista e analisando sabem que ela *de fato pode* se encerrar a qualquer momento.

Toda esta cena só seria possível, pelo menos na configuração clássica do enquadramento desta análise, por que de fato estávamos já há muito tempo juntos, embrenhados nas mais tensas matérias inconscientes, e ambos sabíamos, até mesmo por esta textura muito íntima e próxima de nossa relação, que aquela análise estava para se encerrar. É o que talvez possa se chamar de “análise avançada”, aquela que, *de fato pode* se encerrar a qualquer momento.

O mais impressionante desta história, talvez comum a muitas duplas analíticas, foi o que senti, após mais de dez anos ininterruptos de análise, e que construiu uma fina e profunda intimidade entre eu e minha analista, quando ela pronunciou os termos para mim até então meramente imaginários: “Meu filho e meu marido”. Devo dizer que senti

Assim, escapando para o que podia ser “pensado”, para o prazer de perceber a neurose viva da analista, e de me diferenciar dela, evitei o incômodo mais profundo do impensado de minha neurose: “Meu Deus!, como “o seu filho e o seu marido” me transformavam tão rapidamente em geléia?!...”

Somente após algumas semanas depois desta estranha vivência no divã pude falar dela na análise. Disse-lhe que naquele dia, diante do “seu filho e do seu marido”, eu tinha virado geléia, e que eu percebia, então, profundamente em mim mesmo o valor de uma postura técnica clássica, com toda a sua profunda densidade teórica, que tenta manter o analista pessoa o mais longe possível do trabalho, para facilitar a regressão e para permitir a maior liberdade e clareza possível para as forças transferenciais do

paciente. Embora eu estivesse estudando outras hipóteses teóricas sobre a presença do analista “ele mesmo” no *setting*, exatamente surgidas para mim com Winnicott, e que particularmente, pareciam me dizer mais respeito, com todo o risco e a dificuldade de manejo transferencial que implicavam, era impossível deixar de perceber, em minha própria alma de borracha, o sentido do extremo cuidado com o “neutro do analista” de quem se posiciona, como ela, de uma perspectiva clássica em análise. Era realmente impressionante o que uma referência ao analista real ainda podia provocar em alguém com dez anos de análise, imagine-se nos primeiros! De fato, mais uma vez, Freud tinha razão, o que não impede, que sob outro ponto de vista, sob outra chave da profunda música da alma humana Winnicott também tenha razão, o que eu também experimentava cotidianamente em meu consultório.

Nesse momento minha analista me disse uma das coisas mais sábias que ela pode me comunicar durante todo o nosso encontro e trabalho. Após me dizer que também havia ficado preocupada com aquela sua fala, me diz, então já ao término da sessão:

- “Eu prefiro me manter resguardada, assim as coisas já são o que são... Deixo Winnicott para você.”

Uma análise: dois analistas...

As duas passagens de minha própria análise trazidas acima, - a de Freud, Winnicott e os Beatles, e a da minha alma de borracha, Freud e Winnicott - me parecem conter importantes aspectos que uma análise, avançada ou não, deve proporcionar a quem dela faz parte.

Na primeira história, a dos Beatles, creio que o que está em jogo é a possibilidade de que a análise possa proporcionar ao analisando a experiência de criar algo que lhe seja de importância, e que esta

criação possa ser compartilhada e vivida pelo analista como criação também sua. É a criação de um objeto entre a dupla analítica, que serve de comunicação e de apresentação dos *selves* então superpostos, zona de ilusão que faz coincidir duas capacidades de brincar, que então, no objeto compartilhado, são a mesma. Eu diria que o analista necessita tanto deste tipo de expe-

A falha ambiental colocada sobre o analista pode permitir o aparecimento de sensações corpóreas muito precoces.

riência quanto o analisando, e o “Viva!” de minha analista, muito feliz com o bom produto e presente de seu bebê/analisando, é uma celebração, para usarmos o termo de Bollas, a um tempo exterior, para mim que criei e presenteava, e interior, para ela que também se desenvolvia e a recebia, a recebia como dela. Enfim, sonhava o mesmo sonho do analisando.

A história da alma de borracha sugere um outro aspecto do mesmo processo. Aqui a falha ambiental, no caso colocada sobre o analista, permite o aparecimento de sensações corpóreas, físicas, provavelmente muito precoces, que evocam uma possível despersonalização, uma perda do senso de unidade do *self*. Provavelmente algo semelhante foi

vivido anteriormente nas origens da existência, pelo seu caráter de vivência física, não pensada, e presente na profundidade da alma como rachadura profunda, mas cicatrizada, que dá a instabilidade de toda neurose, no meu caso felizmente possível, apesar das marcas da inevitável desilusão. Aqui a mãe se separa do bebê, a desilusão faz efeitos, mas é possível ser retomada, não como despersonalização, em um caso que seria de grave neurose ou psicose, mas como ganho de experiência e valor para o *self*, que certamente se enriqueceu na capacidade de suportar melhor a realidade, mais amplamente, e de forma simbólica mais sofisticada. Neste processo, o bebê ganha contornos mais nítidos dele próprio, uma vez que a realidade compartilhada também se configura com maior nitidez. Pode haver ataques ao objeto que saiu da zona de ilusão. Mas na medida em que ele se mantém vivo para poder ser usado em um outro nível de investimento, uma outra criação possível, e trazendo consigo a sua própria realidade e a realidade do *self* do bebê, tal objeto ganha imensa importância para aquele ser. Winnicott pensaria a coisa toda assim, na medida em que pude compreendê-lo, e na medida em que algumas destas idéias, para mim ainda imperceptíveis, não sejam propriamente minhas.

Por fim, há a definição mais precisa de dois seres independentes: eu com meu Winnicott, minha analista com seu Freud.

É evidente que nesta história transferencial de nossa análise ela tem todos os elementos necessários para contá-la de uma forma inteiramente diferente da minha, contá-la da sua própria forma, aquela da tradição mais profunda que escolheu e em relação à qual fala. Lá estão o filho querido brincando com a mãe, que se surpreende e sente ataques ao próprio corpo, quando de súbito percebe o desejo materno pelo pai, e pelo irmãozinho menor.

Mas eu acho muito interessante como nesta história foi possível irmos fundo em problemas da alma com cada um saindo de lá com o que tem de seu, com a sua forma de ser, e com a história que criou para si mesmo, a partir de um ponto de fusão. Houve o reconhecimento do mútuo amor, até o ponto da mais nítida separação; o reconhecimento do amor e do ódio em transferência, o que, apesar de agressivo não destrói, antes constitui cada um, e os nossos Freuds e Winnicotts pessoais.

De fato, existe uma série de disjunções entre os campos teóricos que constituem a psicanálise contemporânea, e não é difícil verificar diferenças de postura teórica e de trabalho clínico entre analistas que se posicionem mais à direita ou mais à esquerda, de modo mais central, ou mais periférico, em relação a esta complexa zona de múltiplos sentidos e referências em que se converteu a psicanálise de nosso tempo

Campo composto por áreas, espaços, que se articulam sob a égide de mais de um tipo de lógica de li-

Noutros termos, de meu ponto de vista, a multiplicidade do campo, e suas revoluções internas, - que jamais anulam o que foi dado na tradição que as tornou possíveis -, testemunham um poder de expansão inimaginado nos primórdios da disciplina, e não liquidações teóricas definitivas, ou tendências autóc-tones, a meu ver empobrecedoras, de certas correntes. A perda de vitalidade de setores do campo que desejaram hegemonizá-lo, nesta ou naquela direção, a tendência a uma linguagem isolada que não mais contribuía para o todo do campo, e sequer para os seus próprios fundamentos, a “morte de uma linguagem” em psicanálise, são fenômenos que talvez estejam ligados à aposta na desarticulação absoluta. Mas, de forma alguma, isto pode ser verificado na obra e no legado criativo de Donald Winnicott.

O trabalho de Zeljko Loparic “Winnicott: uma psicanálise não edipiana”, apresentado em *Percurso* nº 17, pode escorregar para este tipo de equívoco. Não me parece que os termos relativamente simplificados com que desenha o campo freudiano clássico, apesar de um discutível engessamento, deformem com excessiva violência o pensamento de Freud, e que a mesma estratégia não revele algo da originalidade de Winnicott. Creio que o mal estar que se generalizou na discussão de *Percurso* dedicada a Winnicott vem da provocação desejada, mas do meu ponto de vista equivocada, de um título que aposta na cisão do campo.

Sabemos hoje - e isto é um dado histórico atual que reorganiza a epistemologia geral da disciplina - que existem criações em psicanálise, que com toda a sua autonomia, novidade radical e lógica interna distinta, falam ao campo como um todo, e portanto o pressupõem em cada um de seus passos, o internalizam em cada uma de suas descobertas. Estas são criações de espaços até então impensados a res-

Existem criações em psicanálise que, com toda sua autonomia, novidade radical e lógica interna, falam ao campo como um todo, mantendo-se em tensão e diálogo com o corpo da obra freudiana.

As psicanálises, a psicanálise...

Existe uma certa tendência entre os pesquisadores da obra de Winnicott da qual em geral discordo, tanto quanto da validade de colocar o problema desta forma, quanto das articulações e dos resultados em psicanálise, em geral muito frágeis, que a postura produz. Para simplificarmos, podemos dizer que se trata de um esforço em desligar amplamente as elaborações e novidades clínicas muito sofisticadas e articuladas em muitos níveis de Winnicott do que se convencionou, não de forma meditada, nomear como “psicanálise clássica”.

gação, a psicanálise contemporânea é mais do que nunca um problema epistemológico de grande envergadura. Antes do que reduzir os sentidos mais amplos da disciplina, isto me parece aludir à riqueza sem fim de nosso objeto. Embora possamos nos posicionar mais próximos de Winnicott ou mais próximos ao raciocínio e a alguns instrumentos conceituais criados por Freud, elegendo apenas um caminho no interior do campo, para pensar o inconsciente e nossa inscrição nele, este paradoxo da unidade do campo indica a meu ver um universo rico, como é rica a alma humana, e suas possíveis formulações pelo instrumento geral da psicanálise.¹

peito da alma humana, repetição do gesto original freudiano. Em minha opinião, estas criações em psicanálise mantêm-se em tensão, diálogo, conjunção e disjunção com o corpo geral da obra freudiana.

Neste movimento não há nada de instauração de um sentido canônico para o texto primordial de Freud; trata-se apenas do reconhecimento de que, em psicanálise, o avanço da disciplina se dá sobre outros moldes do que se convencionou chamar, em ciência, “mudança de paradigma”. Isto por um motivo importante: Freud desenvolveu um método e um sistema de conceitos rigorosamente articulados, e historicamente vivo, em permanente movimento, que a um tempo *liberavam a forma pessoal*, como idioleto histórico e instrumento adaptado às suas condições psíquicas e às da cultura de seu tempo, e no mesmo movimento lançavam as bases de um problema até então desconhecido, de caráter universal: a vida sexual infantil, o inconsciente a ela referido, e algumas configurações de acesso e compreensão desta experiência *a posteriori*.

Podemos abandonar quase tudo da técnica, da postura e da forma de trabalhar de Freud, diante de novas configurações clínicas, problemas emergentes da cultura, e diante de novas descobertas realizadas na relação analítica, nem por isso podemos abandonar as evidências mais do que experimentadas da sexualidade infantil, e da organização de uma vida inconsciente a partir dela. Estas formulações, hoje, não configuram o saber de Freud; configuram as bases e os fundamentos de um campo de saberes, a psicanálise, que é bem maior do que Freud. A física, por exemplo, jamais pode escapar das noções de massa e energia, força, tempo e espaço, e não há paradigma novo que as possa romper internamente, se não que as reposicione.

Em psicanálise exige-se muitas vezes que a matéria profunda a partir da qual se tornam possíveis os avanços (noções como inconsciente, ou transferência) seja esquecida sempre que há outro avanço. Mas, ao contrário do que afirma, esta não me parece ser uma postura criativa em psicanálise.

A análise de Winnicott com Freud...

Existe um Winnicott freudiano, bem como, - é sabido de todos - existe um Winnicott kleiniano. Nada deste percurso vivo em psicanálise, em que o compromisso intelectual e teórico com a tradição foi profundo e encarnado, faz desaparecer o fato de que também existe um Winnicott simplesmente Winnicott, emergência histórica de um inteira-

lista e que se tornou um deslocamento no interior da própria psicanálise, o que aponta para um problema da história e da natureza do conhecimento analítico. Winnicott nos contou esta história muitas vezes. Vou recuperar aqui alguns documentos que permitem nos aprofundarmos um pouco na criação e na relação de Winnicott com a tradição.

É extremamente comum a referência a passagens da correspondência pessoal de Winnicott (que me parecem ter mesmo um certo caráter público) em que ele coloca claramente a sua grande dificuldade em se comunicar nos termos da metapsicologia freudiana, enquanto sistema conceitual preciso, como instrumento de trabalho para a formalização adequada das situações e experiências vividas nas relações analíticas. Winnicott é inequí-

É comum referir-se a passagens da correspondência de Winnicott em que ele coloca sua dificuldade para se comunicar em termos da metapsicologia freudiana.

mente novo, o que verdadeiramente interessa. Inteiramente novo em psicanálise.

Há um percurso histórico muito claro na formação de Winnicott, no qual em nenhum momento o pensamento freudiano e o pensamento kleiniano deixaram de ter lugar, embora fossem questionados permanentemente, de forma que um deslocamento específico acabou se produzindo no interior do psicana-

voco quanto a este aspecto de sua forma de ser psicanalista, e o mais contundente destes comentários está em uma carta extremamente reveladora pelo grau de sinceridade quase impossível alcançado, enviada, simplesmente, a Anna Freud em março de 1954, - mesmo ano em que escreveria “Aspectos clínicos e *metapsicológicos* da regressão no *setting* analítico” (o grifo é meu). Vou transcrever a carta inteira:

“Cara Srta. Freud,

Foi bondade sua escrever, e tenho certeza de que todos nós sentimos sua falta na reunião. Meu ensaio, creio eu, produziu uma discussão realmente interessante. Meu objetivo agora será tentar relacionar minhas idéias com Kris e Hartmann, já que sinto, pelo que escreveram recentemente, que estamos tentando expressar as mesmas coisas, só que eu tenho um modo irritante de dizer as coisas em minha própria linguagem, em vez de aprender a usar os termos da metapsicologia psicanalítica.

Estou tentando descobrir por que é que tenho uma suspeita tão profunda para com estes termos. Será que é por que eles podem oferecer uma aparência de compreensão onde tal compreensão não existe? Ou será que é por causa de algo dentro de mim? Pode ser, é claro, que sejam as duas coisas.

Os melhores votos,
Atenciosamente
D. W. Winnicott.”²

desejam desconectar Winnicott da tradição. Retornando ao nosso campo de debate podemos lembrar que Zeljko Loparic a citou na discussão da *Percurso* 17, enquanto na própria revista ela aparece no texto de Maria Laurinda Ribeiro de Souza, “Considerações...”, e no trabalho de Janete Frochtengarten, “A exploração das dificuldades”. Parece também estar presente como centro de gravitação em toda a passagem da entrevista de Maria Ivone Accioly Lins, em que se trata da relação de Winnicott com Freud, em meio a qual um dos entrevistadores comenta: “Enquanto isso, são inevitáveis os pecados que se cometem ao tomar fragmentos e frases fora de contexto...”³.

Convém nos determos um pouco mais neste ponto particularmente atrativo em toda a obra de Winnicott, e voltarmos a remetê-lo ao seu contexto, ao sentido mais amplo e profundo da carta em que foi expresso. Talvez a passagem chame a atenção de todos pelo parado-

julgo ver nela: Winnicott se expõe de tal forma que a carta pode ser considerada como um fragmento de sua análise permanente, aqui evidentemente movida pela transferência com Anna, e com seu pai.

Creio que a passagem guarda um lugar de destaque, quase fetiche, entre os analistas, não tanto por seu conteúdo, mas por que pode ser uma expressão da auto-análise de Winnicott, movendo-se e movendo o seu próprio pensar. Se assim for, o sentido do espantoso fragmento está bem além do que chega a formular a consciência dos que o lêem como querendo dizer simplesmente: “Winnicott não suportava a metapsicologia”. Está neste usar/não usar o objeto que o processo analítico mesmo permite, paradoxo vivo perfeitamente expresso na forma sintética com a qual Winnicott simultaneamente se inclui e se retira da chamada metapsicologia. Assim, em sua auto-análise que faz teoria, e no mesmo ano em que anuncia à filha do pai transferencial Freud, que ele mesmo não fala as palavras do pai, inclui a palavra do velho pai, *metapsicologia*, em um de seus mais importantes e influentes trabalhos, absolutamente original. Vemos Winnicott usando seu pensar, e a sua própria análise, para ao mesmo tempo negar e repor a metapsicologia: negá-la enquanto paralisia do sentido, afirmá-la de forma muito pessoal enquanto possível paralisia interna exposta na própria análise. O sentido e o avanço teórico aqui, como todo avanço em psicanálise, vem do interior mais profundo da experiência analítica, aqui exposto em um evidente movimento de transferência de Winnicott para com Freud, no qual ele se deixa levar, e no interior do qual ele compreende a psicanálise. O paradoxo aqui é o pensar de Winnicott, e o uso profundo deste fragmento de análise com Anna Freud, o seu uso mais verdadeiro da psicanálise de Freud, desde seu interior.⁴

Winnicott usa seu pensar e sua própria análise para, ao mesmo tempo, negar e repor a metapsicologia: este é o seu paradoxo.

A passagem em que Winnicott fala de sua dificuldade com a linguagem da metapsicologia é constantemente citada, tanto por aqueles que se espantam com ela a partir de uma tradição de fazer trabalhar a obra freudiana, quanto por aqueles que

xo que verdadeiramente expressa com ironia, - de um psicanalista que se declara incapaz de se mover na linguagem da metapsicologia freudiana à legítima guardiã histórica da metapsicologia freudiana - mas também por um outro aspecto que

Esta é uma forma de pensar a metapsicologia, encarnada no interior da alma de quem pensa a psicanálise, e a pensa pensando seus próprios movimentos transferenciais. Podemos dizer que é a forma de Winnicott “interpretar (com) Freud”.

Aqui Winnicott está em contradição com uma tradição histórica de uso da obra freudiana, o que não se confunde com o seu espírito. Por vezes pode ser difícil para analistas que se formaram através da moderna tradição psicanalítica de retorno crítico e problematizante à obra freudiana, e que colheram os preciosos frutos deste trabalho, compreender a forma de relação profunda, mas essencialmente aberta para a vivência clínica *e seus problemas*, que Winnicott estabeleceu com Freud. Winnicott usou Freud a seu modo, a tradição francesa que marcou muito a psicanálise contemporânea latino-americana propôs outro tipo de relação e de uso da obra freudiana e a desenvolveu muito. É neste sentido que Winnicott, ao emergir no campo hegemônico francês dos anos sessenta surpreendeu profundamente “a psicanálise”. Poderíamos dizer, se estas formulações não beirassem o absurdo, (o que, diga-se de passagem, em Winnicott não faz problema), que para ele Freud é mais importante que o texto freudiano, ou em outras palavras, sua relação viva, criativa e teórica é com a psicanálise, e não com a metapsicologia.

A psicanálise de Freud e a psicanálise de Winnicott...

Esta compreensão, que pode usar a psicanálise para pensar a psicanálise, permite-nos incluir no mesmo processo criativo de Winnicott um outro fragmento famoso da correspondência, que à primeira vista e para uma lógica da consciência, apenas entra em contradição com a carta à Anna. É a passagem da carta a Henry Guntrip

em que Winnicott diz: “a meu ver quaisquer teorias originais que eu possa ter só são valiosas na condição de desenvolvimento da teoria psicanalítica freudiana comum”. A citação exclusiva desta passagem, como também costuma ser usada, apaga exatamente o trabalho conceitual mais amplo de Winnicott a respeito de sua relação com Freud, que ainda uma vez mais atesta a inclusão transferencial no problema

do para ele por Freud. Em todo ensaio que escrevi, simplesmente assumi que as pessoas conhecem seu Freud e estão familiarizadas com a teoria em desenvolvimento, a qual tinha de partir de algum lugar. Freud podia facilmente ter seguido direto, intuitivamente, até chegar a verdades fundamentais, mas não era isso que ele queria. Ele queria por de lado toda sorte de intuições tentadoras (as quais, no entanto, sur-

Para Winnicott, Freud é mais importante do que o texto freudiano; em outras palavras, sua relação viva, criativa e teórica é com a psicanálise, e não com a metapsicologia.

do analista que o pensa. A carta é do mesmo ano da escrita à Anna; vamos lembrá-la um pouco mais amplamente:

“(…) Há apenas uma coisa que o senhor tomou a Fairbairn, que acho desnecessária, que é a tendência para pensar no trabalho dele como oposto ao de Freud. O senhor se lembra que em seu livro Fairbairn declara o propósito definido de suplantar as teorias de Freud, e, em minha opinião, ele estraga um livro muito bom com isso, algo absolutamente desnecessário. A meu ver, quaisquer teorias originais que eu possa ter só são valiosas na condição de desenvolvimento da teoria psicanalítica freudiana comum. Meu ensaio sobre regressão não faria sentido algum se surgisse num mundo que não houvesse sido prepara-

giam nas notas de rodapé e em observações esporádicas) e dar início a uma nova ciência, embora isso significasse concentrar-se no tantinho de trabalho que estava diante do seu nariz na época.

Gostaria de saber se o senhor sente a mesma coisa quanto ao trabalho de Freud, ao qual, se fazemos psicoterapia, devemos tudo. Também sinto que Fairbairn deve realmente concordar com tudo isso; ocorre que ele adotou a idéia de que está derrubando Freud e colocando algo no lugar.

Exceto por esse detalhe, sinto enorme prazer ao descobrir em sua carta que o senhor está realmente compreendendo o tipo de coisa que estou tentando dizer.”⁵

A carta é clara o suficiente sobre a posição de Winnicott em rela-

Deve-se tudo a Freud.

Winnicott reconhece que seu novo trabalho só é possível no interior do velho.

ção a Freud, que aqui é idêntica à que venho defendendo neste trabalho. Mais uma vez, a franqueza de Winnicott sobre sua ambivalência para com Freud pode chocar alguns analistas, menos cientes de seu ódio pessoal necessário frente a grandeza enlouquecedora do pai: Winnicott diz que Freud fez uma redução de seu problema ao que tinha “diante do nariz” para poder fundamentar a sua ciência, do que todos são devedores. É claro que há equívocos aí, mas vemos a forma com que Winnicott vai posicionando Freud para tonar possível a inscrição de sua própria criação, no campo inaugurado pelo predecessor, um posicionamento que é também interno.

É algo semelhante a respeito do movimento histórico do trabalho freudiano, que é simultaneamente seu movimento em relação a ele, que Winnicott também sustenta em seu trabalho sobre a regressão, que estava sendo discutido na Sociedade por esta época, - e as cartas a Anna e a Guntrip se inserem na discussão deste trabalho. No artigo, Winnicott diz que Freud escolheu, de toda a massa disponível de formas de sofrimento psíquico, aquelas que tiveram um processo originário de integração bem sucedido, e atingiram os conflitos edípicos interpessoais. Na carta, Winnicott

parece sentir que está se aproximando de “verdades fundamentais” que já começavam a contribuir para a emergência de uma nova lógica no interior do campo psicanalítico. Sentimos a ambivalência formando diretamente o texto do analista. Mas a sua irritação com o desejo de negar Freud é desta vez mais contundente do que a força de suas novas idéias; a relação entre inovação e tradição em psicanálise torna-se mais complexa, uma vez que o desenvolvimento, por mais radical que possa ser, e de fato é, está referido, e só é inteligível em um campo de tradição, que Winnicott considera profundamente introjetado por cada analista: “Em todos os ensaios que escrevi, simplesmente assumi que as pessoas conhecem seu Freud e estão familiarizadas com a teoria em desenvolvimento”.

Por fim, deve-se tudo a Freud, ao mesmo tempo em que se cria um inteiramente novo, devido apenas a Winnicott. Este reconhece que seu novo trabalho só é possível no interior do velho, porque ele mesmo só é possível no interior do velho que o fez novo. É assim que pesquisa a sua psicanálise no interior de um processo transferencial diretamente com Freud, como ocorre na carta a Anna. O prazer de ser reconhecido por Guntrip como um criador original em psicanálise só é

superado pelo ódio à tentativa de cindir criação e tradição em psicanálise. Foi assim que Winnicott pôde, já ao final dos anos 60, ouvir de Anna, filha de Freud, que seu conceito de objeto transicional havia conquistado o mundo analítico.

O jovem estudante de medicina que, em 1919, escrevia à irmã, relatando que se preparava para apresentar a psicanálise de Freud aos ingleses, chegou a apresentá-la a partir de um método psicanalítico profundo e pessoal, incluindo-se para pensá-la de dentro de sua vida inconsciente, até discriminar com precisão a sua contribuição à do próprio Freud. O mesmo movimento humano que Winnicott buscava permitir que os bebês fizessem em relação às próprias mães e pais. O movimento da psicanálise. ■

NOTAS

1. Devo esta noção de um espaço teórico com cartografias variadas a Renato Mezan, que a enunciou no encontro de discussão do número 17 de *Percorso*, dedicado à Winnicott. Mezan já havia pensado formas semelhantes de compreender a psicanálise atual em vários trabalhos seus, e cito aqui “Que significa ‘pesquisa’ em psicanálise?”. Sua crítica ao uso da noção de paradigma de Thomaz Khun no campo da psicanálise, que está no fundo de minha reflexão aqui, me parece também fundamental para a compreensão do problema de como a psicanálise evolui. Ver “Existem paradigmas na psicanálise?”. Ambos os textos estão em *A Sombra de Don Juan*, R. Mezan, São Paulo. Ed. Brasiliense, 1993.
2. D. W. Winnicott, in *O Gesto Espontâneo*, São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 51.
3. Accioly Lins me parece ter, nesta entrevista, uma perspectiva do problema bastante próxima a que tento desenvolver aqui.
4. Janete Frochtengarten também atentou para a profunda inscrição de Winnicott na psicanálise presente nesta carta: “(na carta à Anna Freud) ele está nas indagações psicanalíticas na mesma medida em que a psicanálise está nele”. Cf. “A exploração das dificuldades: uma proposta de leitura de Winnicott”, *Percorso*, nº 17, São Paulo 1996, p. 50.
5. D. W. Winnicott, *op. cit.*, p. 66.